



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

TERESA CARNICELLI (SAMIRA SAMIA)

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-352

Entrevistado: Teresa Carnicelli (Samira Samia)

Nascimento: 31/10/1940

Local da entrevista: Residência do entrevistado em São Paulo/SP.

Entrevistador/a: Juliana Lorenzoni

Data da entrevista: 05/10/2013

Transcrição: Leila Carneiro Mattos

Conferência Fidelidade: Juliana Lorenzoni

Copidesque: Christiane Macedo

Pesquisa: Juliana Lorenzoni

Total de gravação: 22 minutos e 58 segundos

Páginas Digitadas: 09

Observações:

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Relação da entrevistada com a dança na infância e na família; Mudança da cidade do Rio de Janeiro para São Paulo; Restrições da família em relação à dança; Atuação em desfiles de roupas com trinta e seis anos; Primeira exibição de dança árabe no Buffet Érico; Início da carreira de bailarina de dança árabe; Shows em restaurantes, clubes, televisão e em diversos estabelecimentos e eventos; Autodidata na dança; Sobre o evento denominado Mercado Persa; Primeiros contatos com a dança cigana e os ciganos; Laços de amizade com os ciganos; Casamento e filhas; Primeiros contatos com a cartomancia; Show de dança árabe, dança cigana e dança havaiana; Separação; Filha Shalimar Mattar assume negócios; Aproximação da cultura e costumes ciganos; Considerações finais.

São Paulo, 05 de outubro de 2013, entrevista com Samira Samia (Tereza Carnicelli) a cargo da pesquisadora Juliana Lorenzoni para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.L. – Então, dona Samira, se a senhora puder contar um pouquinho da sua história, como foi a sua iniciação na dança, como chegou até a dança cigana.

S.S. – Vou contar tudo.

J.L.– Pode contar!

S.S.– Seguinte: quando eu era pequenina, eu nasci no Rio de Janeiro, eu fui colega de uma grande bailarina, colega de infância, chamada Márcia Haydée, vocês devem conhecer, ela dançou em Stuttgart na Alemanha. Os pais dela a colocaram no Municipal¹ e nós brincávamos de dançar, tudo uma brincadeira, e eu pedia muito para minha mãe: mãe me deixa dançar, só que meus pais eram super conservadores ninguém nunca aceitou balé clássico, nada absolutamente, eu chorava, me escabelava, mas...Então a Márcia foi para o Municipal, como é o destino não é? E ela se transformou na primeira bailarina, ela dançava com Richard Cragun, até agora a pouco ela parou. Então, eu vim para São Paulo, meus pais tinham uma formação espírita muito grande lá no Rio, é muito comum isso, cheguei aqui em São Paulo e nada: “Deixa eu dançar”. “Não pode, não pode porque isso é coisa de mulher que não presta!”... Aquelas coisas, não era da época atual, aquele preconceito, então, eu nunca jamais consegui realizar o meu anseio. Aí conheci meu marido, que já faleceu. Conheci meu marido, e o que aconteceu? Também não queria, eu só fazia ginástica, vôlei, basquete, andava à cavalo e nadava era a única coisa que me permitiam fazer, e mesmo assim ainda dava briga fazer ginástica, botar aquela malha preta, nossa era um escândalo. Todo mundo pai, mãe, tio, namorado, todo mundo tinha esse tipo de preconceito. Então me casei, tive dois filhos e quando chegou o ano de 1976, começou a crescer um negócio dentro de mim. Eu estava com trinta e seis anos e fui numa festa infantil, nessa festa tinha uma grande amiga minha chamada Maya, está até na revista², essa amiga minha ela tinha malharia e eu fui com um vestido muito bonito que eu

¹ Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

² Revista Oriente – Encanto e Magia. Setembro/Outubro 2013, ano VII - nº. 39.

confeccionei; eu tinha isso, eu confeccionava os meus trajes, as minhas fantasias tudo, eu tinha muito capricho para bordar, para tudo. Quando ela me viu de longe. mandou me chamar e falou: “Eu quero que você vá desfilando na minha confecção.” Mas eu falei: “Eu não sou manequim!” Imagina trinta e seis anos e ser convidada para desfile, porque sim, porque não, porque sim, falei: “Está bom, então eu vou aceitar.” Então meu marido pegou fogo, imagina que escândalo horrível. E eu comecei a desfilando na confecção dela e consegui fazer muito sucesso mesmo sem ter tido nada; na minha vida eu nunca aprendi nada, não tinha condições, ninguém deixava. Eu punha um livro na cabeça e treinava em casa com salto alto e tudo, eu vendia roupa para caramba. Um dia ela me chamou falou: “Por que você não é manequim, você é bailarina sabia?” Eu falei: “Não, por quê?” Ela disse: “Você é muito sorridente, você rebola, a manequim verdadeira ela tem que ser muito antipática, porque você olha para o rosto dela, você não aguenta dois minutos, você já abaixa o rosto para olhar o traje, isso faz parte mesmo, não é antipática, você tem que ser... Sabe ninguém aguenta olhar para elas, para você todo mundo tem que olhar.” E eu já brincava e tal. E ela me dizia sempre isso. Um dia fizemos um evento no Buffet Érico, eu até maquiava as moças, faltou uma pessoa nesse Buffet Érico e eu fui, falei para dona do Buffet: “Puxa ficou um espaço aberto eu vou fazer uma dança do ventre.” Olha que loucura, hein? Naquela época não tinha ninguém que ensinasse nada.

J.L. – Que data mais ou menos foi?

S.S.– Isso foi no ano de 1976, 1977.

J.L. – Ah! No mesmo ano que você começou a desfilando...

S.S.– Então, eu peguei uma roupa minha de carnaval, tinha um *long play*³ na época, e lá fui eu com a cara e com coragem e fiz uma dança árabe, agradei em cheio, não tinha bailarina, não tinha professora, não tinha informação, não tinha absolutamente nada. Quando terminou esse evento, a chefe lá veio falar comigo, falou: “Tem um senhor que é judeu árabe, ele está exatamente procurando uma bailarina.” Eu não sabia para onde me dirigir porque não tinha mesmo...“Você não quer falar com ele? Vou passar teu contato.” Falei “falo”. Ele me ligou, ele falou: “Você dança à moda do Cairo?” Falei: “Danço!” Quando

eu desliguei o telefone, eu falei: “Meu Deus o que eu fiz?; Como que eu danço à moda do Cairo?; Eu não sei?” Nunca tive aula de dança. Ele falou: “Está bom então, você vai vir na minha casa, com a minha esposa, você vai dançar para nós, se nós gostarmos você vai ser contratada”. Imagina se hoje eu faria nisso, nunca! Cheguei botei todas as minhas roupas, fui para lá, estava ele e a esposa com muito respeito. Eu dancei acho que umas seis, sete, oito músicas, que loucura! Imagina se hoje uma bailarina faz isso, não faz. Quando acabou o homem falou: “Que maravilha, que coisa linda, você está contratada”. Eu caí do cavalo, fiquei quieta. Ele falou: “Eu vou comprar uma peruca preta e vou dizer que eu trouxe você do Cairo, você não vai dizer uma palavra em português e nós vamos fazer o show lá no Buffet Érico.” Esse homem era riquíssimo, era dono de calças de *jean*⁴ chamada Ovni enfim... Eu fui, eu aceitei mas eu fui dizendo nossa eu sou louca, sou maluca. Na época quem tocou para mim foi o Bill Ney⁵, tinha um piano, ele tocou para mim. Levei um jardineiro meu que era surdo e mudo, botei o jardineiro ali tocando flauta, arrumei, porque eu tinha muita criatividade e foi um show belíssimo, fiz vários números, eu saí carregada de dinheiro desse evento, tipo hoje uns quatro mil reais, naquela época se ganhava, hoje que não se ganha nada.

J.L.– E o seu esposo?

S.S.– Meu esposo estava furioso comigo. Ele queria colocar um caminhão de cascalho no sítio não tinha dinheiro, eu cheguei em casa, peguei todo aquele dinheiro e falei: “Toma tudo isso, é teu, fica com você”. Ele ficou bobo e falou: “Como você ganhou esse dinheiro?” Falei: “Ganhei esse dinheiro dançando.” Tenho as fotos até hoje desse evento. Ele falou: “Que seja a última vez se não eu vou te deixar.” Tudo bem, passou. Por intermédio desse show veio outro senhor me procurar... Tenho até hoje a peruca que esse homem me deu, me deu presentes, me pagou... Ele falou para mim: “Quanto você quer ganhar?” Eu falei “Trinta reais.” Imagina, eu nem sabia quanto era o cachê de uma bailarina, ele começou a rir e falou: “Ainda bem que você ainda tem senso de humor.” Me deu mil reais de cachê, ele era milionário... Menina eu ganhei uma fábula, eu ganhei uma fábula aquele dia. Eu falei: “Nossa! Dá tanto dinheiro assim fazer dança do ventre?” E veio

³ Mídia utilizada para gravação de músicas, anterior ao *Compact Disc* (CD).

⁴ Calças de tecido também conhecido como brim.

⁵ Cantor e tecladista.

um grande empresário chamado Anuar Uchou⁶ e veio falar comigo. Naquela época eu não era Samira ainda. Ele falou: “Eu quero que você vá no Jockey Club, você já tem algum material para eu ver porque me disseram que você dança muito bem.” Eu falei: “Tenho!” Eu tinha as fotografias desse evento e levei ele adorou, ele falou: “Vou te levar nos melhores lugares do Jockey, e as outras vou mandar para os outros lugares, só que você vai dançar com a banda ao vivo.” Outro susto! Eu falei: “Meu pai, que é isso!”. Cheguei lá e fiquei quietíssima morrendo de medo, falei: “Meu Deus o que é que eu fiz.” E na hora de entrar as outras duas mais experientes me empurraram, eu entrei, dei três passos, senti um arrepio dos pés a cabeça e comecei a dançar. Não me diga como nem de que forma, quando olhei eu estava em cima da mesa de um, do outro, do outro e do outro e ganhando dinheiro no colo e passando e assim... E foi para o outro salão, acabou o show e ele falou: “Agora eu vou te levar para a televisão.” Eu falei: “Agora que a coisa está ficando preta, meu marido me mata!” E com a banda ao vivo, não tinha coreografia, não tinha nada disso que vocês tem hoje não, hoje é tudo moleza. Fui para a televisão dancei no programa do Flávio Calvacante⁷, dancei para o Anor. Fiz um monte de coisas. O restaurante Bier Maza⁸, que na época era o melhor, falou: “Eu quero que você faça um show aqui”. Meu marido falou se você for dançar lá eu te mato, eu falei só unzinho, tá bom você vai fazer este show depois nunca mais, falei tá bom, fui lá dancei, o pessoal adorou queriam me contratar. Eu falei: “Eu não posso, eu sou casada e não tenho condições.” Mas aí o meu pai adoeceu e a minha irmã falou: “Ele tem que ser internado na mão branca, precisa de dinheiro e tal, e tal, e tal”. Aí cheguei para o meu marido e falei: “Eu vou dançar”, que dava uma grana naquela época incrível! Hoje que a meninada paga para dançar. Então o meu marido ficou furioso e aí foi o começo do fim para mim e para ele. Que ele era árabe, já viu né. Aí eu comecei a dançar no Bier Maza, do Bier Maza eu fui para a Casa de Chá⁹. Tinha o Jorge Sabongi da Casa de Chá, fui para o El Chalita, fui para o Zorba, o Grego, fui para Semiramis¹⁰, eu fazia cinco, seis shows numa noite. Segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado e domingo, eu trabalhava domingo no Restaurante Bier Maza. Eu chegava morta exausta, fiz isso anos a fio. Viajei para a Argentina, para a Bolívia, viajei para o Paraguai, para o Uruguai, eu fui para tudo quanto é canto. Ou seja, ganhei uma fábula e eu comecei a

⁶ Empresário árabe.

⁷ Flávio Antônio Barbosa Nogueira Cavalcanti.

⁸ Restaurante árabe de São Paulo.

⁹ Tradicional ponto turístico de São Paulo, com temática árabe.

¹⁰ Pontos que tematizavam a culturas árabe em São Paulo: El Chalita, Zorba, Grego e Semiramis.

aprender a dançar mesmo, porque com a banda ao vivo com certeza você vai vendo as batidas os músicos e tal.

J.L.– Mas nessa época tu não tinha aprendido técnica nenhuma e só pela música?

S.S.– *Não!* [ênfase] Que técnica nada, você ouvia, eu falava para o músico: “O que você vai tocar para mim?” Ele falava: “yallah *Samira chuai chuai, yallah, yallah!*” Como quem diz deixa que você dá conta. Não tinha nada disso, eu nem sabia o que eu ia dançar criatura, ele fazia só assim e lá ia eu. Eu dançava casamento, batizado, era aniversário tudo o que vocês podem calcular eu fiz. Eu comecei a ter uma ideia depois, de fazer um Mercado Persa¹¹, mas começou de uma maneira bem humilde, eu ia reunir bailarinas, músicos, costureiros, tudo para se conhecerem. Foi um estrondoso sucesso o primeiro, em 1993. Comecei a fazer um show atrás do outro, grandes, por conta minha, com as minhas alunas. Comecei a dar aula porque na época ninguém queria saber de dar aula, havia ciúme. O primeiro Mercado Persa *bombou*, o segundo mais ainda, mais ainda. E agora a gente vai ter que mudar até para o Word Trade Center¹², saímos do esporte Clube Sírio, que já ficou pequeno para nós, quem está cuidando muito agora é a minha filha, Shalimar Mattar, nós ficamos três dias lá já passaram mais de oito mil pessoas o ano passado. Começamos às oito da manhã vamos às oito da noite sexta, sábado e domingo sempre. Então a coisa foi num crescente, como que eu fiz contato com a dança cigana, eu era contratada para fazer show nos espaços ciganos e os ciganos me levavam, só que os ciganos que iam lá eram ciganos perigosos, não eram estes que estão hoje aí, são mais calmos, eram violentos. E nenhuma bailarina do Bier Maza queria ir, só eu, eles me pegavam eu era contratada e dançava. Uma vez uma cigana jogou uma xícara no meu pé me cortou, de raiva, mais eu continuei dançando eu sempre tive uma alma cigana também. O chefe colocou café, fez uma oração, porque eu ainda tinha mais quatro shows para fazer, queriam me levar, para eu levar ponto, eu falei não tem que levar ponto coisa nenhuma ainda vou dançar. O Zorba, o Grego, ficava lotado cinco da manhã ainda tinha filas, às vezes eu saía do Zorba, voltava para o Bier Maza saía do Bier Maza voltava para o Semiramis, eu ganhava caixinha de dólares, era uma fábula e foi aumentando cada vez mais. Eu fui levando as minhas alunas, fiz show no Brasil inteiro, quando não tinha

¹¹ Congresso Internacional de dança, arte e cultura árabe .

¹² Espaço de eventos em São Paulo.

professoras, que agora tem, todo o lugar tem, até na borracharia aqui do lado tem [risos], mas naquela época não tinha. Então o que nós fazíamos todo o fim de semana, o triângulo mineiro então era direto, trabalhei para o Beto Carreiro¹³ no circo dele, trabalhei... E comecei a estreitar laços com o grupo cigano, o meu chefe chama-se Krales, ele é sobrinho do capitão Zurka Sbano; o capitão Zurka de circo, já faleceu, eu já dancei inclusive para o capitão Zurka, tem a família Valenzuela também muito conceituada, enfim, os ciganos são todos de circo mesmo! E esse meu chefe até casou a minha filha, minha filha casou no civil, no religioso e no cigano, para você ver. Ele é muito meu amigo, ele é de circo ele é um grande bailarino de flamenco, talvez ele vá lá amanhã¹⁴ porque ele está fazendo um espetáculo de teatro, mas é uma grande pessoa. Daí eu não parei mais, trabalho com esse trabalho cigano, trabalhei no Farol da Barra¹⁵ em 1984, dançando com a minha filha com banda ao vivo show cigano, e as ciganas todas em volta batendo palmas. Elas começaram a me perseguir para eu ler cartas, eu falei não quero saber disso, no fim acabei lendo carta e eu vivo fazendo isso dançando e lendo carta, então foi assim que aconteceu.

J.L.– Sim!

S.S.– Mas tudo de uma forma humilde despojada, porque na realidade não havia informação, não havia nada, os trajes eu que confeccionava, não havia músicas bonitas como hoje, hoje tem CDs maravilhosos, só o Tony Mouzayek já deve estar no número oitenta do CD dele, não sei. Mas hoje tem tudo para vocês, está tudo “reprisadinho”, na minha época nada, até brinco eu confeccionava, eu fazia tudo enfim. E foi até chegar no ponto que eu cheguei.

J.L. – Sim! E nessa época que tu tinhas as alunas que dançavam. Vocês dançavam a dança cigana e a dança do ventre ou só a dança cigana ou só a dança do ventre?

S.S. – Dependendo do show dança cigana, dança do ventre, também faço dança havaiana, que eu estudei danças típicas do Havaí. E nós fazíamos shows ou só ciganos ou só árabes ou misturávamos cigano, havaiano, árabe, enfim eu ia atrás do que me pediam. O contratante me levava eu fazia um contrato por escrito e ia. Eu viajei de avião eu fiz tudo,

¹³ Nome de um circo e atualmente um Parque de Diversões.

¹⁴ No evento Mercado Gitano que aconteceu no dia 06 de outubro de 2013.

inclusive na Bolívia eu fiz um show maravilhoso, fiquei treze dias na Bolívia voltei com o meu carro, que comprei o meu carro, naquela época se dava valor, hoje não, hoje as bailarinas, tem muitas bailarinas, ninguém mais dá valor, tem mais bailarinas que público. Mas aquelas que são boas se destacam. O que eu quero dizer para encerrar e que precisa ter muita humildade, muita dedicação porque no começo é um trabalho difícil, não é a nossa musicalidade, nós somos brasileiras, eu sou carioca, filha de italianos, tudo bem morei na Itália um ano, mas eu sou brasileira. Até você conhecer a musicalidade árabe demora, você tem que ouvir muito CD para você entender o que é um *Balade*, o que é um *Taksim*, *acordeon*, *tabla*, todos aqueles ritmos *malfufe*, *balade* um, *balade* dois, enfim você tem que estudar muito, muito! E principalmente a parte folclórica, aos poucos isso foi vindo para o Brasil e nós mesmas, minha filha e eu, contratávamos as melhores bailarinas, tive no meu colo tudo isso. Mas jamais os meus familiares quiseram me ver num palco e no fim quando é destino da gente é destino não adianta, eu fui para o palco.

J.L. – E como e que foi com o teu marido no final, ele faleceu?

S.S. – Ele faleceu. Nos separamos, ele foi morar em Fortaleza porque ele não admitia isso, porque na cabeça dele era uma falta de respeito, árabe, homem árabe naquela época, hoje não. Hoje eu faço o Mercado Persa e eu exijo respeito dentro do recinto, então, vai homem, vai irmão, vai namorado, vai filho, todo mundo clicando, clicando, fotografando, filmando, mas naquela época não tinha respeito.

J.L. – Então vocês se separaram em função disso?

S.S. – Foi!

J.L. – Tu já tinhas os dois filhos?

S.S. – Sim! Sim! A minha filha foi trabalhar na Avis Rent a Car. Um belo dia fechou a Avis, ela veio para casa e começou a entrar na dança, e hoje é uma das maiores empresarias que eu conheço, Shalimar Mattar, que faz uma dança da espada divina, perfeita e maravilhosa. Então, eu fiquei muito feliz com isso porque eu deixei um legado

¹⁵ Na Bahia.

para minha filha e minha filha vai deixar para outros. Então minha filha hoje está trabalhando no espaço lá de baixo eu aqui, ou seja, é um trabalho que exige muita dedicação, muito de tudo, tudo o que você puder imaginar você vai colocar, e não se ganha muito hoje, então pode esquecer a gente faz por amor.

J.L. – E tu pode contar um pouquinho este tempo em que tu viveu com os ciganos?

S.S. – Eu aprendi tudo, eu na realidade viver não vivi com eles, mas faz mais de vinte anos que eu não uso uma calça comprida porque eu não me sinto bem, eu gosto de usar saia. Eu vivi, eu aprendi a magia, eu aprendi a parte de alimentação, eu aprendi todo um contexto de vida cigana, a minha tia Esmeralda que me adotou me ensinou muitas coisas entendeu, e foram anos e anos de festas na casa do meu Barô Romano¹⁶ que é o Krales, eu ia com a minha filha, com minhas alunas, a gente dançava, fazia show, eles acendiam a fogueira, depois nós andávamos nos carvões das fogueiras, sem queimar o pé, faz parte do contexto, faz parte da tradição.

J.L. – Então eu acho que era isso, eu agradeço muito.

S.S.– Imagina! Eu é que agradeço, agora tem muita coisa, seu for falar vou ficar até amanhã!

J.L. – Pode falar [risos].

S.S. – Mas é assim, depois nós podemos fazer outras entrevistas, vocês podem fazer... “Samira eu quero saber sobre a magia”, eu vou te falar. “Eu quero saber sobre a parte de aroma terapia”, vou falar. “Eu quero saber sobre a comida, comida cigana”, vou falar. Enfim, tem muita coisa aí que com o decorrer dos anos você vai aprender, entendeu?

J.L. – Então te agradeço em nome do Centro de Memória.

S.S. – Que isso! Imagina. Eu que agradeço a atenção.

J.L. – Que a gente possa utilizar essa entrevista para que mais pessoas conheçam um pouco mais sobre a dança cigana.

S.S. – Sim, sim, sim! Eu falo um pouco de *Romani*¹⁷, não tudo, mas falo, faço minhas orações de Santa Sara¹⁸ em *Romani*, porque a oração de Santa Sara em *Romani* tem mais força de acordo... sabe aquela egrégora¹⁹. Então, mas isso não quer dizer que eu também não a faça em português. E na tradição cigana, você está sempre ligada com o plano espiritual, isso é muito importante.

J.L. – Então tá bom, muito obrigada.

S.S. – *Butbartali* quer dizer boa sorte, *Me Volilto* amo vocês, *Thie Aves Hertô* que Deus te abençoe.

J.L. – Muito obrigada!

S.S. – Essas três coisas são importantes porque os ciganos não gostam muito que a gente fale a língua deles, eles tem muito ciúme, mas todo esse tempo que eu vivo com eles eu tive que aprender, entendeu?

J.L. – Entendido! Muito obrigada

S.S. – Eu é que agradeço.

[FINAL DA ENTREVISTA]

¹⁶ Chefe cigano.

¹⁷ Idioma oficial dos ciganos, também conhecido como Romanês.

¹⁸ Padroeira do povo cigano.

¹⁹ Segundo Samira Samia é a força, energia provinda da mente de várias pessoas reunidas.